

SEMESTRE.....	5\$000
TRIMESTRE.....	2\$500
NUMERO AVULSO.....	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO
RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 15 de Julho de 1900

N. 16

A VIDA

III

ESCOLA POSITIVA

Analysemos agora a evolução da escola positiva, ou racional, constituída pelas materialista e organista.

Foi justamente d'entre aquelles que se mostravam mais adeptos e convictos da espiritalidade da alma, que sahiram Descartes e Leibnitz, para adoptar a doutrina que attribuia ao jogo das forças brutas todas as manifestações da actividade vital.

Essa escola, que mais tarde servio de base ao que hoje conhecemos de real e positivo, no mundo, sustentava que as funcções vitaes deviam ser identicas ás dos phenomenos mechanicos ou physico-chimicos, ordinarios para a explicação dos quaes não era necessario fazer-se intervir força alguma vital, particular.

Descartes e Leibnitz estabeleceram uma separação quasi que absoluta entre a alma e o corpo. Aquelle deu uma definição metaphysica da *alma* e outra physica da vida. Para elle, a alma era o principio superior que se manifestava pelo pensamento; ao passo que a vida era apenas um effeito superior das leis de mechanica; sendo o corpo humano uma machina perfeita, na qual a alma não passa de espectadora, não interviado, de modo algum, no funcionamento vital.

As idéas de Leibnitz tinham muita analogia, debaixo do ponto de vista physiologico, com as de Descartes.

Si bem que não adoptasse aquella separação entre a alma e o corpo, admittiu entre elles uma concordancia preestabelecida por Deus; porem negou completamente haver entre elles, toda e qualquer especie de acção reciproca.

O corpo, diz elle, desenvolve-se mechanicamente e as leis de mechanica não são jamais violadas, nos movimentos naturaes; tudo se dá na alma, como si não houvesse corpo, e vice-versa, tudo se passa no corpo, como si não houvesse alma.

Essas idéas foram estendidas e precisas pelos iatro-mechanicos, dentre os quaes os mais celebres são: Borelli Pilcaim, Hales, Keil e principalmente Baerhaave, que foi o mais preponderante. Emittidas essas idéas, eis que apparece mais tarde a escola dos iatro-chimicos, ou medico-chimicos, da qual o mais celebre representante foi Willis, que explicavam os phenomenos vitaes por meio de acções chimicas. Essa escola seguiu uma marcha accelerada, até que Descartes e Leibnitz, estabeleceram que em toda parte, as leis da mechanica são identicas; que não ha duas mechanicas, uma para os corpos brutos e outra para os vivos.

TOBIAS COELHO.

A MENSAGEIRA

D'entre o arvoredó marginal, esguia,
Subtil avança a indigena canôa...
A' sombra, entre o juncal, nympeas á tôa,
Que a liquida esmeralda ergue e copia.

E' no Tieté formoso Um claro dia
Primaveril á scena abre e corôa.
Bando festivo do occidente vôa
Para o levante, ao longe, em romaria.

Perfeita allegoria ! Olha, aqui trago-a:
O vulto gracil espelhando n'agua,
Plumoso par nos ares se aligeira,

Azas pandás, quem...

Vê si adivinhas
Qual destas duas bellas andorinhas
Symbolisa a galharda Mensageira?

CANDIDA FORTES

O CASO DA COBRA

Monção de secca. Alta manhã de sol, em domingo festivo, de céu azul e tranquillo, com flôres pelas verduras e pipilos pelas ramagens.

Na Guarda do Cubatão, as vendas repletas, resonantes de tagarelice alleã, zumbiam como abelheiras, e o rapazio em suêto chalreava pelos terreiros, fagueando os motejos a gargalhadas.

Da pequena praia da margem direita, em frente, umas mulheres apuam: U... hu... u... Pas... sa... a... gem...

—E' a gente do Joaquim Silva, diz o Mingote, e grita-lhes a todo o pulmão: «Não tem canôa... Dá de váu... e acrescentou em voz baixa: Molhem as canellas, não sejam bobas». Os do grupo viram, e as mulheres voltearam indecisas por algum tempo.

Era de facto a familia do Silva, reconhecida agora por todos que se aproximavam da barranca—a mulher, a s gra, a cunhada viuva e as duas ilhas solteiras.

—Vêm dos Quadros; com certeza ficaram nô Pedro.

—Foi. Passaram aqui hontem de tarde...

As mulheres se decidiram afinal, chamando as duas moças, vistas e arnudas, que já iam caminho de volta; entrouxaram os sapatos, abeiraram se da agua, regaçaram um pouco os vestidos, deixando apparecer as barras das saias alvas, e pararam um instante, lançando olhares para o outro lado.

—E' isso mesmo, meu bem de assucar, é botar o pesinho n'agua.

—Rapazes, isto não é de gente de bem; as mulheres estão com vergonha de nós, vamos *simbora* d'aqui.

O rio, limpido e sereno, rugando-se de leve pela corôa, no seu alveole arêa vermelha, muito visivel, parecia raso em toda a largura. A avô na rent; de lenço de chita á cabeça, as filhas e as netas atrás, a um de funlo, militarmente, guardando certa distancia, o vestido appenhado, suspenso do braço esquerdo, de trouxa ao punho direito, com as mãos reguando as saias á proporção que afundava, seguiram, a principio, rio abaixo, pela corôa, como si andassem em plataforma rolante, e, depois, volteando contra a corrente, em semi-circulo, a passos lentos, meio curvadas, orçando a agua que encapellava-se até os joelhos.

Já respiravam de contentes: mais uns cem passos e estariam a pé entuto, no porto de cima. Achavam-se em frente e á pequena distancia do porto de baixo, mas era mais fundo. Continuavam subindo, a velha já muito adiante, quando parte da frente o grito: «Uma cobra!... Virgem N. S. do Rozario!...»

O reptil se esforçava para alcançar as verduras da margem, mas descaia muito, arrastado pela corrente.

O terror é electrico. O grito foi repetido dezenas de vezes na pavorosa intonação de soccorro; a velha recuou, as demais atiraram se para a direita, a grandes arrancos, n'um alvoroço, com agua pelos quadris. A rapaziada recuou: «O que é? As quatro corriam barranco acima, atrapa hadas pelos vestidos molhados, e a boa da velha, a meio rio, com agua pelos joelhos, as saias suspensas, um pouco escanchada, atordoadá do susto, sem consciencia de si propria, respondia: «E' uma cobra!... vai ali... grande que mette medo!... A agua, se bipartia nas rotulas sussurrando e formando bolhinhas que corriam fugaces como dichotes brejeiros.

—Não é nada, já passou, venha p'ra terra. Vamos á cobra, rapaziada.

A mulher chegou finalmente, as filhas e netas muito escorridas, a cobra foi matada,—uma caninena de dez palmos; e de todo o grande susto e balburdia dentro em pouco só restava de mais lamentavel o prejuizo da Ann'ha, a mais moça, que perdera os sapatos no rio.

—Mas, que rascada!...

Por muito dias o caso da cobra foi o assumpto dos arredores. O Mingote contava-o ingenuamente com todas as peripecias.

—Pobre da *sinha* Marica!... Cada vez que me lembro... Oh! que cobra damnada!...

ORLANDO DE CASTRO

ALMA EM RUINA

Porque dantes, do Sonho, a calhandra cantesse,
E eu, ouvindo-a, sorrisse, e não mais, em meu peito
A utopias de Amor preparasse outro leito
Que esse leito de rosa aromal de tua face,

Muito me eu esqueci dos Pesares — sujeito
Como todos, á Dor — sem que a Dor me lembrasse...
Peregrino! Qu'importa, ao ergueres teu preito,
Que o cortejo do Pranto ante os teus olhos passe?...

Hoje... é muda a calhandra. Em oceanos de treva,
A ave negra do Pranto, a grasnar nos escombros
Desses sonhos de outrora, os seus vôos eleva...

Noite... Lucto... Pavor... Dôres... Prantos... Assombros...
E eu — Só — Atlas da Dor que — solitario — leva
Todo um mundo de Vaga — a lhe pezar nos hombros!

A PAGINA

SERENATA

...N

Oh brandas noites de lua,
Oh aljofares de luz,
Parece que em vós fluctua
A alma dôce de Jezus.

Como eu vos amo o pallor,
Como eu vos quero e procuro;
Sois o espelho d'este amor
De quem fiz meo Palinuro.

Bordae assim vosso manto
De rendas e de escumilha;
Que o céo de tarde é amarantho,
Não possui vossa mantilha.

Embebei-vos de perfumes
Nos bogarys e nas rosas,
Levae convosco esses numes
De fallas cariciosas

De sua luz branda e vellada
Pedi á lua um pedaço,
Dae dep'is a minha madã,
Como um presente que eu faço.

Na sua face branca e pura,
Mais sedosa que o luar,
Dae-lhe do aroma a frescura
Em que vos fostes banhar.

E que Ella sinta a caricia
D'esses osculos de arminho,
Como se fôra a blandicia
Que o luar manda sosinho.

Deixae que o bardo descante,
Bem longe de ir perturba-a;
Da guitarrilha distante
Pode o seo canto accordal-a.

Sonhos castos de donzella
Talvez sorriam-lhe agora,
Que ha de sonhar uma estrella
Senão com a volta da aurora!

Oh brandas noites de lua,
Oh aljofares de luz,
Parece que em vós fluctua
A alma dôce de Jezus.

GONÇALVES FERRO

TRAÇOS A LAPIS

XI

Si não fosse aquella tacada de vinte e oito, ainda eu não lhe teria alcançado, afirma o nosso homem, depois de ter errado a carambola facilissima que lhe deixou o parceiro, á quem finge dirigir-se.

Dissemos finge, porque de facto assim acontece; pois que o effeito almejado não lhe podendo vir do companheiro, que bem o conhece, elle o espera das pessoas que, desconhecendo seo jogo, entram na occasião.

Escusado é dizer que elle assim se exprime quando joga o bilhar.

E' adoravel n'essas occasiões.

Ao passo que o Coutinho ou o Simone embucham-lhe uma tacada de doze ou quinze, o nosso major da milicia invicta, com o sorriso contrafeito e amargo do *pechote*, vae murmurando a gizar o taco:

Muito bem canta na serra o sabidá da matta virgem; e isto muito convencido de que o seo contendor possa impressionar-se e errar a tacada.

Adoravel! Mas não ha quem como elle *acampe nas* lides da elegancia, com mais *aplomb* e mocidade.

Olá, isto não.

Accusam-no de perdulario, por isto que dizem que elle procura desbasta-se das cinco duzias de invernos que dizem possuir, mas eu que entendo disto menos que o João Barbeiro, não o posso garantir.

Sei que é (ou então finge-se admiravelmente) moço, pois que o vejo sempre a andar lepidio e nervoso como um adolescente, ou pretendente, si quizerem.

O que posso garantir, entretanto, é que, sobrecarregado apenas com um quarto de seculo de existencia, invejo-lhe comtudo a afoutesa e vivacidade, embora *fritz-mack*, como o assegura o Oscar Lima.

E' um politico, e nesse ponto, si tem gosado alguns momentos de triumpho, tem tambem subido já o seo golgotha, novo martyr dos descuidos dos correligionarios.

Admiro-o porque sabe fazel-o com um ar de *innocen..... psio!* que ias fazendo, oh, Faber?

Affavel e lhano por natureza, acha-se sempre prompto para tudo que se relacione com os seus principios, offerecendo e executando de bom grado a sua efficez collaboração.

Disse-me uma certa authoridade policial que admira-lhe a espantosa memoria para um improviso.

Nunca soube onde com isto queria chegar o Machado.

O Branco, talvez no despeito originario de seus cabellos brancos (não pelo que eu fiz), accusa-o de grande alchimista, e chamou-o já em presença do Lima (que, aliás, não protestou por colleguismo) de Dr. Fausto do drama de Goethe.

Porque, não sei, visto que apenas dezenho formas e esboços e não me metto em bruxarias.

—Ah, é verdade, ia-me esquecendo: o homem tem uma loja, ou quase isso, porquanto as prateleiras reclamam inquilinos, na sua mudez, boccas negras escancaradas e sem dentes.

Mas... o Cambio assusta-o muito com as suas actuaes cabriolas, e elle espera que *her gracious* lhe venda libras a vinte oito patacas.

As cousas não andam boas, as cousas não andam boas, repete elle sempre que alguem lhe falla em adquirir novo sortimento.

—Tem sempre uns segredinhos com o Lima e não é raro serem vistos os dois a conversar baixinho, como uns conspiradores.

Muitas vezes tenho ficado a pensar sobre o que seja que tanto os aproxima e quando o vejo correr ligeiro em passinhos miúdos para o Oscar, accompanho-os e fico depois a scismar.

Mas... si elles não conversam mais do Cambio, nem da politica, para que aquelles modos de segrêdos!

—Ao Manéca para informar.

A PAGINA

NOTAS

Candida Fortes, a insigne escriptora rio-grandense e delicada auctora das *Phantasias*, primoroso livro em prosa e verso, publicado em 1897, acaba de nos distinguir com alguns trabalhos de sua lavra, escriptos especialmente para serem publicados nas columnas d'*A Pagina*.

Mais uma estrella vem pois fulgurar nesta revista. A sua collaboração, que vae ser effectiva, não é sobremaneira agradabilissima, pois é a primeira poetisa que rompendo o convencionalismo commum ao bello sexo, se hoje tomar assento nesta tenda de ideal.

Outras que secundem a resolução da bella intellectual, que vem hoje collaborar ao nosso lado, como já o fez quando redigio o excellente 15 de Novembro», de camaradagem com o Dr. Borges de Medeiros, Henrique Ribeiro, Henrique Trindade, Viriato Vieira e o auctor desta chronica.—e *A Pagina* brilhará cada vez mais.

Venham mais outras pennas femininas abrilhantar a nossa revista! Com franquesa, em se tendo uma dama de espirito em companhia, fica com mais vontade de trabalhar, do que quando só entre marmanjos... Gratos, pois, á gentilza da festejada poetisa gaucha.

Recebi ha dias a seguinte carta:

«Meu caro Leo Lino.— O seu collega Faber Junior, auctor dos ultimos *Traços a lapis*, no afan de querer faser espirito á custa dos meus conhecimentos musicaes, pretendera intrigar-me com o meu amigo Antonio, attribuindo ao meu distincto emulo na trompa umas phrases incendiarias a meu respeito.

«Não posso consentir que a má fé do illustre Faber corra a ganhar terreno no espirito dos incautos, e por isso corro por minha vez a atacar a sua ligeireza.

«O caro Antonio não podia ter dito que eu na trompa só sei fazer *ta-tá-tá, ta-tá-tá!* Seria negar a grande lei de gravitação universal.

«Elle bem sabe que na trompa sou incomparavel; tanto assim, que de uma feita já ficou assombrado me vendo fazer um magnifico acompanhamento de trompa... sem o bocal. Toquei sem musica e sem bocal e o Antonio me confessou publico e raso que estava peripathetico e até proclamou-me o... rival dos rivaes!

«Com o instrumento á bocca, nem o clarinetto do Ferro ousa dar conta do recado, e o cidadão Victorino, que é damnado no *buso*, já por vezes teve de afrouxar a cravelha para afinar com a minha inimitavel trompa!

«Ora, forte como sou, como é então que Faber Junior ousa pôr em duvida as minhas altas qualidades trompaeas?

«A trompa! o instrumento do futuro! o *omnicordium* da musica de Wagner.

«Perguntem ao Max o quanto valho, e não de ver. Supponho até que elle nem mais quer tocar flauta commigo, receiando a maviosidade e as variações da minha trompa.

«O meo caro Leo-Lino, que já quebrou a sua ocarina, receioso de entrar em competencia com o meo excellente instrumento, ha de convir que eu tenho de ficar me goado toda a vez que se me negue as raras qualidades que possuo.

«Faço tanta questão que a mocidade futura venha a rememorar as minhas glorias que, toda a vez que um pae vem ao meo escriptorio registrar o nascimento de um filho, pergunto-lhe logo qual a profissão que vae dar ao recém-nascido.

«Si o progenitor não se explica a meo gosto, grito-lhe logo:—Metta-lhe uma trompa na bocca!

«Já vê, meo caro, que é uma injustiça dizer-se que não sei variar, nem sei fazer contra-ponto, e que levo a massar a humanidade com o meo tá-tá-tá, tá tá-tá.

«Ciumada! ciumada!

«Seu do coração—*Maestro Branco*.»

«Não metto a mão em seára alheia. São *brancos*, lá se entendam.

Uma jóia, essa *plaquette* de Silveira Netto, a proposito do divino Antonio Nobre, que ha pouco se foi para o paiz dos lyris.

Silveira é um excellente desenhista e um brilhante poeta. Na delicada obrinha transparece a alma toda do auctor do *Sò*, esse livro immortal do exquisito illuminado.

Silveira Netto sentio as vibrações de Anto, e modelou a sua nenia com tanta arte, tanto sentimento e originalidade, que mais parece uma continuação da musica de Nobre.

Creio que no genero Antonio Nobre não teria segunda missa astral. Eu abraço com effusão o futuro auctor do *Hynverno em flor*, velho companheiro de perigrinação para Além, nas deliciosas horas de extase.

Rapaziada! Ao Circo!
Olha o Anchyres, o primeiro equestre brasileiro, gloria do velho Pery!
Vêm ahi os cavallinhos, e vão ja se preparando para entrar no partido de uma das *divas*, na forma do costume. Eu fico de fóra... mirando.
Lá anda o Aprigio n'uma roda viva; e si não houver enchente, a quem mais ha de ir se queixar o sr Bispo, emprezario?
—Ao Bispo... de Beja.